

da época que continuam vivos até o momento. E' o intelectual atuante que se deixa transparecer a cada passo: "A objetividade do historiador tem seus próprios limites históricos". E' dêsse ponto de partida que Piteira Santos examina as análises de Oliveira Martins e Herculano, vendo neles não os historiadores, mas, respectivamente, o homem que "abraçara a idéia de uma política reformadora por intervenção autoritária", e o "cartista".

Piteira Santos atribui grande importância política à revolução na medida em que foi tomada de posição pela classe mais ativa, não conservadora, o que levou a um reexame das instituições do Portugal do início do século XIX (onde ainda subsistiam as "feudalidades"), com a simplificação das leis e a abolição de privilégios. Mas até que ponto era não conservadora esta classe? O Autor deixa de ressaltar o paradoxo do 'liberalismo' dessa burguesia que faz a revolução com os planos de recolonização do Brasil. O problema, Piteira Santos resolve, explicando-o, em termos dos interesses burgueses ameaçados pelos constantes deficits da balança comercial portuguesa em relação às transações com a ex-colônia. Mas, Piteira Santos não dá a importância devida ao problema colonial que era o problema dominante. Êsse momento histórico que o Autor reconhece como crucial, gira em torno do colonialismo em crise. E' então que a primeira forma do imperialismo europeu conhece uma aceleração do processo de desintegração. E não se pode pensar revolução de 1820 em Portugal sem enfocar — e com lentes poderosas — as questões ligadas à emancipação das antigas colônias ibéricas.

Antes de aparecer na forma de livro, muitas passagens do presente trabalho já haviam sido publicadas na *Revista de Economia* e na *Seara Nova* com o título de *Fichas histórico-sociológicas*. O livro de Piteira Santos vai se ressentir um tanto dessa superposição de artigos unidos pela identidade do tema, identidade nem sempre observada na evolução do pensamento lógico.

A Introdução evidencia grande capacidade de síntese do Autor, ao captar, com muita felicidade, alguns dos elementos mais explicativos do processo de transformação do século XIX, e, uma rara preocupação em definir com exatidão os conceitos (como "Classe", "Capitalismo", "feudal"), quase sempre tranqüilamente negligenciados pela historiografia tradicional.

NILZA BRANCO

*

* *

MAITRON (Jean). — *Ravachol et les anarchistes*. Collection Archives, ed. Julliard Paris, 1964, 216 pp., com ilustrações.

A presente obra de Jean Maitron vem completar sua tese de doutoramento sobre *Le mouvement anarquiste em France* (Sudel, 2a. ed., 1955) que é um dos livros básicos para o estudo do anarquismo na França. O autor dirige também a publicação de um *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français* (Ed. Ouvrières, t. 1, 1964).

Em *Ravachol et les anarchistes*, Maitron não pretende, como êle próprio afirma na apresentação do livro, fazer uma exposição contínua do movimento anarquista na França. Trata-se, pelo contrário, da divulgação de documentos, em sua

maior parte inéditos, com o objetivo de esclarecer os momentos mais significativos do anarquismo francês desde a Comuna de Paris até a I Grande Guerra.

Os documentos apresentados são, em geral, memórias autobiográficas dos principais anarquistas, além de relatórios policiais e atas de acusação e defesa de que foram alvo, tendo em vista os atentados por eles praticados.

O que se nota no desenvolvimento da obra é que os documentos citados estão enquadrados numa linha de evolução que caracteriza bem três fases importantes do anarquismo francês: a propaganda pelo fato, ou seja, época de ações terroristas praticadas individualmente; o anarco-sindicalismo, quando os anarquistas penetraram nos sindicatos operários e o ilegalismo, momento em que é abandonada a ação coletiva da fase anterior, voltando-se às manifestações individuais que levarão à desarticulação do movimento.

Os três primeiros capítulos do livro têm como principal objetivo estudar a primeira das fases acima citadas, quando houve uma verdadeira epidemia terrorista na França (1892-1894) e onde notamos a tônica em que se deram os principais atentados anarquistas marcadamente extremistas. “Que importam as vítimas se o gesto é belo”, proclama nesta época o poeta Laurent Tailhade.

No capítulo I, sob o título de “O desafio”, Maitron mostra um depoimento de defesa feito por Sebastian Faure em favor de alguns acusados de crimes contra magistrados em 1891. O que se nota pela análise deste depoimento e de outros que se seguirão é a justificação do próprio título que mencionamos para a primeira fase do anarquismo francês: “propaganda pelo fato”, pois no momento em que era dada divulgação dos atos terroristas, através dos processos policiais, também a própria doutrina anarquista era apresentada e justificada pelos acusados em seus depoimentos. Na justificação aparecem obviamente os elementos contra os quais lutavam os anarquistas, ou seja, toda a ordem estabelecida, toda a autoridade, como bem define a frase de S. Faure “a idéia anarquista é tão velha quanto o princípio da autoridade, pois havendo quem mande pode haver quem desobedeça”.

No capítulo II, ainda na linha já citada de mostrar os principais atentados terroristas o autor transcreve as memórias, inéditas, de Ravachol que servirá, pela sua importância, de título ao livro.

Através da riqueza de detalhes aliada à descrição dos atos de Ravachol tem-se uma nítida idéia da intensidade das ações anarquistas. Ravachol é uma figura bastante discutida que pela forma corajosa e desinteressada como se portou durante o julgamento e execução vai servir de exemplo aos companheiros e será fator de divulgação do ideal anarquista. Acolheu a sentença de morte com o grito: “Viva a narquia”.

No capítulo III, completando o ciclo de atentados, o autor nos apresenta as atas de acusação e interrogatórios de Emile Henry, através dos quais temos as linhas gerais do ideal anarquista, inclusive as dissensões entre este e o socialismo a que, de início, se ligou.

A serenidade de E. Henry e sua fé na justiça de sua causa, não só servirão de propaganda entre os anarquistas, como também suscitarão, entre os elementos contrários, manifestações, se não favoráveis, pelo menos de compreensão como mostra Maurice Baurès no “Journal” em 22 de maio quando, analisando sua execução, afirmou: “Foi um erro psicológico matar E. Henry” — “Vocês computaram o destino que ele pretendeu” e ainda “a luta contra idéias faz-se por meios

psíquicos” e “numa crise onde seriam necessárias altas inteligências e homens de coração, a polícia e o carrasco são apenas expedientes”.

Após ter analisado o período de atentados mais extremistas, o autor avança, no capítulo IV, para a fase em que os anarquistas penetram nos sindicatos operários, onde, para atingir seus objetivos, resistência ao capital e preparação de uma sociedade quase libertária, pregaram o método da ação direta e autônoma da classe operária, cuja manifestação última seria a greve geral, visando expropriações.

A entrada dos anarquistas nos sindicatos marca uma reviravolta capital na história do movimento operário francês e será a causa determinante do fim dos atentados, das ações individuais, condenadas pelos próprios anarquistas: “um edificio baseado sôbre séculos de história não se destrói com alguns quilos de explosivos”, escrevia Kropotkine em “A Revolta” em 18-24 de março de 1891. Convidados da ineficácia do terrorismo individual tinham, então, a preocupação de que a idéia anarquista penetrasse nas massas operárias.

O capítulo IV mostra a ação de Tortelier que teve um papel decisivo no renascimento da greve geral operária na França, em 1888, tida como único expediente capaz de conduzir à revolução social. Apesar de Tortelier não ter sido o iniciador da idéia de greve geral foi, pelo menos, seu apóstolo mais tenaz, apesar da repulsa com que alguns acolheram a entrada dos anarquistas nos sindicatos, merecendo por isso, um capítulo a parte no presente livro de J. Maitron.

Seguindo na análise do anarquismo nos sindicatos, o capítulo V é dedicado às dissensões entre os anarco-sindicalistas e os sindicalistas revolucionários, êste, reduto da C. G. T..

O problema que surgiu entre êles foi quanto à necessidade ou não das instituições para a relação produção-consumo. De um lado, os anarco-sindicalistas viam a ação dos sindicatos apenas como um meio para o fim que seria a própria Anarquia e, por outro, os sindicalistas revolucionários, em sua maior parte também anarquistas, que viam no sindicato o próprio fim. Ou seja, após preparar a emancipação integral dos trabalhadores, pela expropriação capitalista, tendo como agente principal a greve geral, o que restaria seria o sindicato como instituição de resistência e repartição, base da reorganização social.

Em 1907, no Congresso Anarquista Internacional, a cisão completa-se e é através da análise das discussões sôbre Anarquismo e Sindicalismo, ali levados a efeito e em parte transcritos no livro, que são vistos os principais pontos de discordância entre os anarco-sindicalistas e os sindicalistas revolucionários.

Ao mesmo tempo em que a penetração do anarquismo nos sindicatos lhe dá um sentido concreto e uma audiência até então nunca conseguida, alguns de seus adeptos caem no excesso em defesa do sindicalismo revolucionário, fazendo com que o ideal anarquista sofra um empobrecimento de capital humano e ideológico do qual nunca mais se recuperou.

De 1907 em diante, o anarquismo francês retorna às ações individuais e degenera com Bonnot e “seu bando”, assunto dos capítulos VI, VII e VIII onde são analisados, através de documentos policiais, os atentados desses chamados “bandidos trágicos”. E’ quando entramos na terceira fase do movimento, dentro do quadro inicialmente descrito, o ilegalismo, que, se nunca tomou conta completamente do anarquismo, também jamais dêle esteve ausente.

Os atentados desta fase foram no mesmo estilo dos de Ravachol, cometidos por uma vintena de jovens entre os quais Gallemin, Garnier e Soudy e condenados pela maioria dos anarquistas mais voltados, já, para ação coletiva.

Com a morte de Bonnot e muitos de seu grupo, o que se viu foi a anarquia dentro da própria Anarquia, título que o autor dá ao capítulo VIII, último de seu livro. As dissensões levarão ao esfacelamento do movimento anarquista francês que após 1914, salvo alguns atos espetaculares como o atentado de Emile Cottin contra Clemenceau, ataque ao Rápido Paris-Marselha, que em nada lembram os antigos teóricos. Estes, na verdade, não deixaram herdeiros espirituais.

A presente obra de Jean Maitron, tendo em vista os objetivos a que se propôs, torna-se indispensável quando se quer ter acesso a documentos essenciais para a compreensão do Anarquismo na França, visto em suas manifestações mais profundas. O livro é ainda ilustrado com fotografias não só dos principais anarquistas, mas também de vítimas de seus atentados, que atestam a intensidade das suas ações.

SYLVIA BASSETTO

*
* * *

SIMMONS (Charles Willis). — *Marshal Deodoro and the Fall of Dom Pedro II*.
Duke University Press. Durham, N. C. 1966.

"Manoel Deodoro da Fonseca became the chief of state in Brazil following one of the longest and most peaceful reigns in the history of monarchical institutions. Dom Pedro II, the Emperor whom he deposed, had during this long reign justly earned for himself the sobriquet of "magnanimous", and his fall after a military revolt led by Marshal Deodoro was a source of surprise and dismay throughout the civilized world".

Estas são as palavras com que Simmons inicia o prefácio de seu trabalho, que foi apresentado ao Departamento de História da Universidade de Illinois, como tese de Doutorado.

Compõem o livro nove capítulos, que são, pela ordem: O Imperador e o Império, 1870; A classe militar na conclusão da Guerra do Paraguai; O Marechal Deodoro da Fonseca e a Primeira Fase da Questão Militar; Outros fatores da Desintegração Imperial; Abolição, o conflito com a Igreja, e Republicanismo; Marechal Deodoro, defensor da Classe Militar; O Ministro de 7 de junho de 1889; Marechal Deodoro, Presidente provisório e Ditador Militar.

Trata-se de obra de síntese, procurando nos dar idéia da atuação do Marechal Deodoro no processo que afastou o Imperador Pedro II, do poder.

Obra interessante. Dá-nos a idéia de como o historiador americano vê as figuras envolvidas no desenrolar dos acontecimentos brasileiros a partir do final da Guerra do Paraguai.

Consideramos o primeiro capítulo como o mais fraco, mesmo porque pretendendo dar idéia do Império e do Imperador no final da Guerra do Paraguai (1870) faz um retrospecto, a meu ver desnecessário, a 1825, narrando incidentes do Governo de Pedro I e da Regência, passando pelos acontecimentos subsequentes da maioridade e primeiros anos do Governo de Pedro II, de maneira muito superficial. Não nos dá, dessa forma, uma visão mais precisa da situação geral do Império e do Imperador em 1870, como se propôs fazer.